

# BREVE ESTUDO SOBRE A LEITURA DE PLOTINO DA GERAÇÃO DO COSMOS PLATÔNICO

*A BRIEF STUDY ON PLOTINUS VIEW OF PLATONIC COSMOS GENERATION*

*Robert Brenner Barreto da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Esse trabalho objetiva analisar a questão da geração do cosmos conforme ela é anunciada no controvertido passo do diálogo *Timeu* (28b-c), em que é afirmada a deveniência do mundo, a partir da leitura que Plotino faz em alguns de seus tratados, dos quais destacaremos II 1 [40], 1, 1-2; II 9 [33], 7, 1-2; IV.8 [6], 4, 40-45; V 8 [31], 12, 11-26, à luz dos comentários de Dodds, Wilberding, Griffin e Igal. O fulcro da leitura de Plotino consiste em admitir que a ideia de mundo como tendo sido criado no tempo é assim descrita no *Timeu* por razões didáticas, pois, para ele, o mundo existe desde sempre. A fim de realizar esse itinerário, iremos fazer uma breve reconstrução das premissas básicas apresentadas no *Timeu* – as que antecedem o passo em análise – com o intuito de perceber a moldura conceitual a partir da qual o diálogo chega a essa assunção. Ao concluirmos esta etapa, iremos explorar as porções dos tratados de Plotino. Destarte, estaremos aptos a compreender sua leitura do cosmos como existente desde sempre, através da relação metafísica entre inteligível e sensível, bem como a partir das noções de processão e conversão.

**Palavras-chave:** Cosmos. Timeu. Plotino.

**Abstract:** This work aims to analyse the matter of cosmos generation, according to the controversial pass of the dialogue *Timaeus* (28b-c) in which the becoming status of the world is affirmed, from Plotinus perspective in some of his treatises, of which we emphasize these ones: II 1 [40], 1, 1-2; II 9 [33], 7, 1-2; IV.8 [6], 4, 40-45; V 8 [31], 12, 11-26, in the light of the comments made by Dodds, Wilberding, Griffin and Igal. The fulcrum of the Plotinus understanding consists in admitting that the idea of the world being created in time is described in this way in *Timaeus* for didactic reasons, whereas, for him, the world has always existed. To accomplish this itinerary, we are going to reconstruct in a few lines the basic premises presented in *Timaeus* – those ones that appear before the passage in question - with the intent of perceiving the conceptual background from which the dialogue arrives at this assertion. At the end of this part, we are going to explore the passages of the Plotinus treatises. Therefore, we will be able to comprehend his view of the cosmos as existing since always, through the metaphysical relation between intelligible and sensible, as well as from the notions of procession and conversion.

**Keywords:** Cosmos. Timaeus. Plotinus.

## **1. Proposta de estudo sobre leitura cosmológica de Plotino a partir do *Timeu***

Antes de prosseguirmos em nosso trabalho, cabe pontuarmos algumas noções que são preliminares ao entendimento do texto. Em primeiro lugar, embora Plotino pretendesse se filiar à tradição filosófica grega, especialmente à de base platônica, suas

---

<sup>1</sup> Robert Brenner Barreto da Silva é Graduado e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. bolsista CAPES sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida. E-mail: Roberttxplus@gmail.com.

leituras em geral não são estritamente fiéis aos diálogos de Platão. Conforme explicita Dodds em seu artigo *Tradition and personal achievement in the philosophy of Plotinus*<sup>2</sup>, Plotino se apropria dos argumentos dos filósofos a fim de responder aos problemas de seu tempo, e nisso imprime o seu olhar sobre o assunto estudado, ainda que não estivesse buscando proeminência pessoal ou inovações teóricas. Dentro desse contexto interpretativo, nosso intuito não é oferecer uma análise direta do diálogo, o que faremos apenas parcialmente, em um primeiro momento, visando definir os pressupostos básicos trabalhados no *Timeu*, no tocante à geração do cosmos, a fim de referenciá-los ao tratamento dado por Plotino.

Nessa mesma linha, é necessário evidenciar uma dificuldade, a qual consiste na escolha dos textos de Plotino e a capacidade deles de fazerem interlocução com o *Timeu*. Como nem sempre o licolitano diz explicitamente com quem está discutindo, não é auto evidente que em certos textos ele estivesse falando de um autor X ou de uma escola Y. Todavia, existem elementos<sup>3</sup> indicativos de suas referências, os quais nos servem de auxílio para estabelecer paralelos hipotéticos. Guardadas as especificidades textuais, o objetivo<sup>4</sup> filosófico é o mesmo: investigar o estatuto ontológico do cosmos. Deixamos claro que nos baseamos na argumentação de Wilberding, Griffin e Igal<sup>5</sup> para estabelecer essas relações entre o *Timeu* platônico e Plotino. A quantidade de trabalhos escritos em língua estrangeira que foram consultados para a composição desse escrito exigiu de nós uma medida prática de como repassar esse material. Decidimos usar as notas de rodapé para transmitir as passagens mais relevantes para o leitor, sem preocuparmo-nos com a tradução *ipsis litteris*, a qual, a nosso ver, atrapalharia a

---

<sup>2</sup> DODDS, 1960, p.1, grifo nosso. “[...]. Originality, as such, was not in demand in the third century. Formally, but only formally, the philosophy of Plotinus is an interpretation of Plato; substantially, I should call it an attempt to solve the spiritual problems of his own day in terms of traditional Greek rationalism”.

Idem, p.2. “His basic question is not the historical one, ' What did Plato think about this? 'but the philosophical one, ' What is the truth about this? ”

<sup>3</sup> Que podem ser identificados pelo modo como é formulado o tratamento da questão e o modo como os termos são empregados. Assim, inferem-se as heranças teóricas quer sejam dos pré-socráticos, de Platão, de Aristóteles ou dos estoicos. Vide a abertura do tratado II.1 *sobre o céu*, em que ele inicia o texto a partir do modo como Platão no *Timeu* enunciou a questão: perguntando se o cosmos teve um começo ou não.

<sup>4</sup> Vide a explicação: “Plato and Plotinus share the same goal, but the difference in their approach lies in whether they see the glass as half empty or half full. In the *Timaeus*, Plato does not observe what is in the glass but rather vacuum, because the primordial elements are in disorder, while in VI.6 Plotinus explains what is actually in the glass because every postcosmic element is in its ordered ontological place”. GRIFFIN, 2009, p.25.

<sup>5</sup> Baseamo-nos na observação de Griffin, na secção *Plato Cosmology on Plotinian Terms*, mas principalmente na argumentação desenvolvida por Wilberding em sua obra *Plotinus' Cosmology. A Study of Ennead II.1 (40)* e no texto desenvolvido por Igal na introdução que fez à sua tradução das *Enéadas*. Listadas ao final.

fluência da leitura. Assim, reescrevemos e recepcionamos em nossas palavras as ideias apropriadas por nós dos trabalhos estrangeiros. Sempre indicando a fonte através da qual se pode verificar a coerência do conteúdo escrito. Não levantamos a pretensão de apresentar um comentário de Plotino ao *Timeu*, mas de relacionar a articulação filosófica da geração do cosmos do *Timeu* platônico com a perspectiva teórica de Plotino, tendo em especial consideração o entrelaçamento causal entre as premissas “ser gerado” e “tudo que é gerado devém” tecido no diálogo, o qual será contrastado em Plotino pela perpetuidade do cosmos.

Quanto aos escritos de Plotino, embora o grupo de tratados<sup>6</sup> da *II Enéada* seja o mais conhecido por abordar a temática cosmológica, pela maneira assistemática como eles foram elaborados, encontram-se difundidos em diferentes textos aspectos da reflexão sobre o cosmos. Dentre esses, interessa-nos aqueles que o abordam em seus princípios lógicos e metafísicos, tendo em vista o caráter propedêutico de nosso trabalho. Aspectos particulares e extensivos do cosmos, tais como o seu formato esférico e o modo como os astros estão dispostos, são mais específicos ao registro da segunda *Enéada*, a qual, todavia, não será menos presente em nosso trabalho, pois em II. 1 e II. 9 Plotino destaca certos princípios que correspondem à leitura que propomos.

Nosso trabalho tem a seguinte estrutura: inicialmente se concentra na parte introdutória do diálogo em que são postulados os elementos teóricos fundamentais para a constituição do cosmos; posteriormente, iremos mostrar como Plotino os relaciona nas porções textuais II 1 [40], 1, 1-2; II 9 [33], 7, 1-2; IV.8 [6], 4, 40-45; V 8 [31], 12, 11-26 que corroboram tanto a tese da perpetuidade do cosmos quanto a interlocução que estabelecemos com o *Timeu*, à luz do que argumentam Wilberding, Igal e Griffin. Por fim, iremos pautar a importância da perpetuidade do cosmos para Plotino a partir das noções de processão e conversão.

---

<sup>6</sup> É válido dizer que Porfírio foi quem editou os textos de Plotino, dividindo-os em cinquenta e quatro tratados e os dispondo em seis grupos de nove, donde provém o título “Enéadas”. Estabeleceu uma ordem temática e outra cronológica. Nesse sentido, sempre que nos referimos aos tratados, a citação tem essa sequência: o primeiro número se refere à Enéada (I a VI), o segundo ao tratado (1 a 9), o terceiro a posição cronológica (1 a 54), o quarto ao capítulo, seguido do intervalo entre as linhas. Em língua portuguesa, contamos com a tradução das Enéadas I, II e III. Cf. BARACAT, 2006. Quanto aos grupos IV, V e VI, temos não mais que um ou outro texto traduzido. As *Enéadas* podem ser lidas em inglês e espanhol Cf. PLOTINUS, 1987; PLOTINO, 1992.

## 2. Premissas do Diálogo *Timeu*

O diálogo *Timeu*<sup>7</sup> consiste em uma narrativa cosmológica que em linhas gerais visa oferecer uma explicação sobre a origem e organização do cosmos que difira daquela apresentada pelos pré-socráticos, cujo modelo não fosse engendrado por forças naturais, mas sim pela atividade da inteligência<sup>8</sup>. Nesse sentido, o personagem Timeu lança mão de um artesão, nomeado Demiurgo, o qual, a partir de certas condições estabelece a ordem e a vida. Tal compreensão é necessária, pois a criação não é estabelecida a partir do nada (*ex nihilo*), mas a partir de movimentos desordenados. Por conseguinte, circunscreve-se a região (*chora*)<sup>9</sup> em que é definido o espaço da vida. O Demiurgo impõe a vida por meio da Alma e a ordem por meio da inteligência. A respeito da centralidade do aspecto da ordem e da finalidade no projeto do diálogo, fazamos a leitura do comentário de Trindade no livro *A construção do conhecimento*, na secção sobre a Teocosmologia do *Timeu*:

O objetivo do discurso platônico será mostrar como a Inteligência consegue impor unidade e finalidade à desordem mecânica do visível. Para tal, esboça uma narrativa plausível, na qual a *criação do cosmos vivo* se desenrola nos três planos sucessivos do macrocosmos e do

---

<sup>7</sup> Todos os textos citados do diálogo *Timeu* são fruto da tradução de Rodolfo Lopes.

<sup>8</sup> No artigo *Platão e o papel do demiurgo na geração da vida cósmica* é feita essa menção ao programa platônico: “A crítica platônica dirige-se à tese segundo a qual a natureza e a casualidade são tidas como os fatores determinantes à geração de todos os seres constituintes do *kosmos*, desde os astros até as plantas, animais e homens. Rejeitando a ideia de que coisas inanimadas – como os quatro elementos e os átomos – pudessem ser princípios de geração, Platão inova ao propor que a alma (*yuxh*), enquanto entidade semovente – precede toda a geração dos seres presentes no universo, pois só com a alma há vida, ordem e finalidade. ARAÚJO JÚNIOR; REDYSON, D, 2010, p.74; o qual resgata o clássico *The Cosmology of Plato* (Cf. Cornford, 1937, p.34-35.), afim de tornar claro que a função do Demiurgo é teológico-filosófica e não religiosa, como alguns interpretes postularam.

<sup>9</sup> A tradução por “espaço” é problemática, pois esse termo suscita a pergunta pelo que está além do espaço, por isso optamos por “região”, a fim de indicar a circunscrição da vida. Outros aspectos da tradução precisam ser considerados, conforme expõe Rodolfo em suas notas: “chôra como suporte de alguma coisa, parecem conferir-lhe uma concepção espacial; contudo, a flutuação de termos como “lugar”, “local” e “aquilo em que” denuncia a impossibilidade de apontar onde é exatamente”. PLATÃO, 2012, p.44-45. Em outro momento afirma: “chôra. A tradução deste termo será sempre insuficiente, em virtude das dificuldades hermenêuticas que esta secção levanta. A versão por “lugar” deve ser entendida à luz do que foi dito sobre a chôra na Introdução”. Idem, p.138. Ainda sobre a opção por “região” é interessante ler a posição de Trindade: “Com a tradução “região” – em vez do habitual “espaço” – pretendo chamar a atenção do leitor desconhecedor do Grego para o fato de Platão estar a metaforizar um termo da linguagem corrente. Ao inseri-lo no contexto da TF, confere-lhe um sentido técnico, que de algum modo permite a sua confusão – mas não identificação – com a abstração física referida pelo termo “espaço”. Implicitamente faço ainda notar que pela inserção da metáfora na teoria platônica sobre a gênese do cosmos – funcionando como meio e contendor –, a “região” é definida como a esfera gerada pela expansão da alma cósmica, a partir do centro do que será corpo do cosmos (34b). De acordo com este ponto de vista, “espaço” e Tempo serão conceitos paralelos”. SANTOS, 2010, p.60.

microcosmos, separados por um intermédio, meta-narrativo e crítico<sup>10</sup>, dirigido ao plano microfísico. A narrativa visa a mostrar como três causalidades distintas – a teleológica, a mecânica e a que resulta da submissão da segunda à primeira – cooperam, interagindo na construção do cosmos (SANTOS, p.146, 2012).

A narração de *Timeu* pressupõe dois níveis discursivos<sup>11</sup> que apontam para a limitação e falibilidade do empreendimento explicativo do diálogo, quais sejam: verossimilhança do discurso e da narrativa. Nesse sentido, observamos que tal programa cosmológico não é dogmático, mas eminentemente especulativo:

Portanto, ó Sócrates, se, no que diz respeito a variadíssimas questões sobre os deuses e sobre a geração do universo, não formos capazes de propor explicações perfeitas e totalmente concordantes consigo mesmas, não te admires. Mas se providenciarmos discursos verosímeis que não sejam inferiores a nenhum outro é forçoso que fiquemos satisfeitos, tendo em mente que eu, que discurso, e vós, os juízes, somos de natureza humana, de tal forma que, em relação a estes assuntos, é apropriado aceitarmos uma narrativa verossímil e não procurar nada além disso (29c4-29d3).

Desta forma, tomamos nota de como a ordem do cosmos é estabelecida: mediante a ação do Demiurgo, o qual, por sua vez, baseia-se em um paradigma, arquétipo ou modelo. Além de destacarmos que o esforço explicativo do *Timeu* é modesto e consciente das dificuldades que a questão impõe. Assim sendo, podemos analisar a devenida do cosmos, agora não mais deslocada desses pilares gerais que a fundamentam:

Quanto ao conjunto do céu ou mundo – ou ainda, se preferirmos chamar-lhe outro nome mais adequado, chamemos-lhe esse –, temos que apurar primeiro, no que lhe diz respeito, aquilo que subjaz a todas as questões e deve ser apurado logo no princípio: se sempre foi, sem ter tido origem no devir, ou se deveio, originado a partir de algum princípio (28b).

---

<sup>10</sup> “A narrativa é dividida em três partes: a que refere as obras da inteligência (29d-47e), a que se entrega à descrição das obras produzidas pela necessidade (47e-67d) e a que expõe a cooperação das duas anteriores (69a-81e)”. SANTOS, 2012, p.146.

<sup>11</sup> “[...] ao apontar o âmbito do verossímil como única alternativa, distingue muito claramente dois níveis discursivos: o dos "discursos verosímeis" (29c8: [logous] eikotas) e o da "narrativa verossímil" (29d2: eikota mython); desta concorrência ressalta, obviamente, a partilha do termo eikos, que vertemos por verossímil, mas também a associação desse termo a mythos, num caso, e a logos, noutra caso”. PLATÃO, 2012, p.48.

Por esse passo compreendemos por que nossa abordagem sobre a deveniência do cosmos tem caráter propedêutico: a) é o que devemos apurar primeiro b) é o que subjaz a todas as questões c) pelo fundamento lógico causal de que o cosmos deve ser referido ou como o que sempre foi, sem ter origem no devir, ou, como o que deveio. Se devier, exige-se que seja concebido a partir de algum princípio. A formulação dessa concepção está associada ao par de correlativos inteligível e sensível ou conhecimento e opinião, o qual é fundamental para a ontoepistemologia clássica. Contudo, não iremos nos deter a essa discussão, cabendo mencioná-la para explicar o encadeamento dos pressupostos responsáveis por distinguir aquilo que é inteligível (imutável, eterno, em si e por si) e o que é sensível (mutável, gerado e que é em função de outro). Com relação a isso, vejamos a resposta à questão se o cosmos deveio ou não na continuação do diálogo:

**Deveio, pois é visível e tangível e tem corpo**, assumindo todas as propriedades do que é sensível; e o que é sensível, que pode ser compreendido por uma opinião fundamentada na percepção dos sentidos, devém e é deveniente, como já foi dito. Dissemos também que o que devém é inevitável que venha por alguma causa. Porém, descobrir o criador e pai do mundo é uma tarefa difícil e, a descobri-lo, é impossível falar sobre ele a toda a gente. Mas ainda quanto ao mundo, temos que apurar o seguinte: aquele que o fabricou produziu-o a partir de qual dos dois arquétipos: daquele que é imutável e inalterável ou do que devém. Ora, se o mundo é belo e o demiurgo é bom, é evidente que pôs os olhos que é eterno; (28b-c, grifo nosso).

O cosmos é apresentado como deveniente pelo entrelaçamento das seguintes premissas: 1) o cosmos é visível, tangível e tem corpo, portanto reúne todas as propriedades do que é sensível; 2) o que é sensível pode ser compreendido pela opinião e tem como característica fundamental a deveniência em contraposição ao inteligível que é captado pelo pensamento; 3) segue-se que o cosmos, por ser sensível, também devém. Sobre essa concepção de cosmos como gerado e deveniente é que iremos tratar à luz dos comentários e das porções dos tratados, de maneira a oferecer um breve estudo a respeito de qual seja a leitura cosmológica de Plotino. Da geração à perpetuidade do cosmos.

### **3. Breve estudo sobre a leitura cosmológica de Plotino: a geração no *Timeu***

Como dissemos, ao propormos uma leitura de Plotino sobre o problema da geração do cosmos, não estamos pensando em um comentário *stricto sensu* ao diálogo,

mas na conexão que há do ponto de vista temático e do trato dado à questão. Ajudou-nos a perceber essa afinidade a observação de Slaveta Griffin. Ela faz essa correlação no contexto do tratado VI.6, *Sobre os números* em que comenta a respeito de certa negligência a referida interlocução entre VI.6 e o *Timeu*. Tal quadro não é unânime, a exemplo<sup>12</sup> do trabalho de Luc Brisson que reconhece a importância da comunicação conceitual entre o *Timeu* platônico e o VI.6 de Plotino. Enquanto Wilberding argumenta especialmente a partir de II.1, mas cita também a referência direta do tratado IV.8 [6], 4, 40-45, no qual Plotino emprega em termos sintéticos o que está presente em diferentes textos, isto é, a sua leitura de que Platão, no *Timeu*, ao considerar o cosmos como gerado, o fez por propósitos didáticos. Igal, intérprete e tradutor espanhol de Plotino, também apresenta essa problemática da mesma forma, evocando outras porções textuais do filósofo licopolitano, as quais iremos enunciar individualmente a fim de evidenciar a compreensão de Plotino (Cf PLOTINO, 1992, p.74).

Sobre a abordagem do *Timeu* a respeito do que devém, embora ela seja descrita em termos de criação, Wilberding a interpreta como uma exposição pedagógica. Para ele, Platão não endossa a ideia de que o universo ordenado tenha um início temporal, portanto seja sujeito a criação<sup>13</sup>. Tal leitura de Wilberding não é defendida apenas por ele, conforme explicita ao reforçar que essa interpretação é abundante entre os filósofos antigos, dentre os quais se insere Plotino<sup>14</sup>. Argumenta que essa abordagem, ainda que sabidamente controversa, pode ser inferida a partir do texto. Consideremos os seguintes passos de sua explicação<sup>15</sup>: 1) no estágio pré-cósmico de desordem, a matéria<sup>16</sup> é

---

<sup>12</sup> GRIFFIN, 2009, p.26, grifo nosso. “Discussing Plotinus’ cosmological exegesis in VI.6, both Charles-Saget and Nikulin neglect to recognize the conceptual communication of the treatise with the *Timaieus*. Most recently, however, in his preface to the translation of VI.6, Brisson calls Plotinus “un disciple fi dèle du Platon du *Timée*,” a statement that deserves, I think, a serious consideration. The treatise conveys Plotinus’ understanding of the structure of the universe, namely, the architecture of the intelligible realm according to number. The strong cosmological tones of VI.6 demand that we turn our attention to the *Timaieus* first”.

<sup>13</sup> WILBERDING, 2002, p.6, grifo nosso. “Despite this avowal that the cosmos must be generated and despite the fact that we are presented with an account of its generation, Plato does not in my view and in that of many ancient commentators really endorse a temporal beginning to the orderly universe”.

<sup>14</sup> idem, p.6. “Almost all ancient readers understood the *Tim.* in this way, including Plotinus (cf. note to ii.1.1.1) and Xenocrates, the second head of the Academy after Plato and Speusippus. Proclus only names Atticus and Plutarch as reading the *Tim.* as a temporal creationist account of the cosmos (In *Tim.* 1.276.30f), but Aristotle’s name should also be added to that list. Baltes discusses Atticus and Plutarch as well as some of their followers who also held that the world came to be in time in (1976: 38–69). Later Christian thinkers like Philoponus were, of course, also likely to read it this way (AP, passim). Cf. Taylor (1928:66 V.)”.

<sup>15</sup> (idem, p.7, grifo nosso). “In the precosmic state of disorder, for example, matter is said to be visible, but this should be impossible since *Timaieus* insists that nothing is visible without fire and fire does not yet exist in the precosmic state. Likewise, there is motion in the precosmic state, even though the principle of motion, soul, has yet to be created. Moreover, the atemporal order of the account itself points

descrita como visível, porém isso deveria ser impossível, uma vez que Timeu insiste em afirmar que nada pode ser visível sem fogo, e o fogo ainda não fora introduzido no estado pré-cósmico; 2) do mesmo modo, o movimento é postulado no estado pré-cósmico, embora o princípio de movimento, a alma, ainda estivesse para ser criado; 3) o demiurgo cria o corpo e depois a alma, todavia em seguida é dito que o corpo não foi de fato criado antes da alma<sup>17</sup>. Por todas essas razões, Wilberding defende a posição de que a abordagem do Timeu platônico é melhor compreendida se a lermos como visando fins didáticos (διδασκαλίας χάριν). Vejamos como Plotino entende essa questão, claramente partindo da descrição feita por Platão no *Timeu*, em seu tratado IV.8:

Na exposição de Platão, o que está enraizado na natureza do todo é descrito de maneira figurada como tendo vindo à existência por meio da geração e da criação: para tornar a exposição mais clara, estágios e sucessividade são atribuídos a coisas cuja existência e formas são eternas (IV.8 [6], 4, 40-45)<sup>18</sup>.

Essa é a interpretação fundamental de Plotino do diálogo *Timeu*, a qual é pressuposta em diferentes textos cuja articulação filosófica se volta para a questão do cosmos. Isto é, a descrição da existência do cosmos como apresentada pelo diálogo tem caráter figurado e didático. Os termos gregos referentes à passagem do *Timeu* 28b<sup>19</sup> são: “ὅπερ ὑπόκειται περὶ παντὸς ἐν ἀρχῇ δεῖν σκοπεῖν, πότερον ἦν αἰεὶ, γενέσεως ἀρχὴν ἔχων οὐδεμίαν, ἢ γέγονεν, ἀπ’ ἀρχῆς τινοῦ ἀρξάμενος” (grifo nosso); enquanto os de

---

in this direction. The Demiurge first makes the body and then the soul, but we are told that the body was not in fact created prior to the soul. For all of these reasons it is best to take the genetic character of this account to be διδασκαλίας χάριν—for didactic purposes”

<sup>16</sup> Repetimos o termo “matéria” usado por Wilberding, mas pontuamos que essa recepção é problemática, conforme argumenta Trindade no artigo em que defende que no *Timeu* não há um conceito de matéria: “Penso que os Gregos clássicos não prestaram atenção à pergunta – “De que são feitas as coisas?”–, mas a outras, como – “Por que são as coisas como são?” –, ou “Como se geram e destroem as coisas?”. Para tal, tiveram de pensar em “coisas”, mas, a ideia de que há um constituinte amorfo, comum a todas elas, não é sequer pressuposta em qualquer destas perguntas. Por outro lado, há que contar com a perspectiva pela qual a questão é encarada. Não contesto que, no *Timeu*, Platão implica que todos os corpos se geram a partir de fogo, ar, água e terra, e se corrompem neles. Pergunto, sim, e adiante tentarei mostrar que a análise platônica do conceito de ‘elemento’ não implica um conceito de ‘matéria’. SANTOS, 2010, p.45-46, grifo nosso.

<sup>17</sup> Não afirmamos que a interpretação de Wilberding está correta, mas a apresentamos como uma das leituras que corroboram com o caminho de análise segundo o qual o cosmos deveria ser tomado como perpétuo. O que é visto em Plotino, mas não necessariamente em Platão. Talvez Wilberding ao comparar a mudança de prioridade entre alma e corpo ao longo diálogo esteja a confundir a ordem do cosmos com a ordem narrativa do diálogo.

<sup>18</sup> Esse texto foi traduzido por Sommerman, junto a outros tratados individuais. Cf. PLOTINO, 2007.

<sup>19</sup> Consulta dos termos gregos na Tetralogia VIII do *Platonis Opera*. Cf. BURNET, 1903.

Plotino nessa passagem<sup>20</sup> são: “ὄ γὰρ ἐν φύσει ἐστὶ τῶν ὅλων, ταῦτα ἢ **υπόθεσις γεννῶι τε καὶ πονεῖ εἰς δεῖξιν προάγουσα ἐθεξῆς τὰ ἀεὶ οὕτω γιγνόμενά τε καὶ ὄντα**” (grifo nosso). Logo, o tratado se refere diretamente ao passo que versa sobre o princípio constitutivo do cosmos. No caso da leitura de Plotino, ao relacionar o que tem origem “ἢ υπόθεσις γεννῶι” com o que não tem origem “ἀεὶ”, ele quer dizer que a formulação platônica sobre o princípio tem função pedagógica. Exemplo do modo como o cosmos é postulado como perpétuo em Plotino é o primeiro tratado da segunda *Enéada* pela ordem sistemática, em que o licopolitano considera o mundo existente desde sempre, preservando a unidade não em número, mas na forma:

Se, dizendo que o cosmos sempre existiu antes e sempre existirá embora tenha corpo, atribuímos sua causa à vontade de deus, talvez, inicialmente, diríamos a verdade, porém nenhum esclarecimento forneceríamos. Em seguida, a transformação dos elementos e o perecimento dos viventes sobre a terra, uma vez que preservam sua forma, talvez nos façam pensar que assim sucede também com o universo, porque a vontade de deus, ainda que o corpo escapula e flua sempre, é capaz disto: impor a mesma forma ora a uma coisa, ora a outra, de modo que seja preservada perpetuamente, não a unidade em número, mas a unidade na forma (II 1 [40], 1, 1-10<sup>21</sup>).

No tratado II.9, *Contra os gnósticos*, também é possível assinalar textualmente a compreensão do cosmos como perpétuo: “Bem, que este cosmos não teve começo nem terá fim, mas ele também existe para sempre, enquanto existirem aquelas, está dito” (II 9, 7, 1-2). Nesse contexto, a argumentação de Plotino consiste em derivar a perpetuidade do cosmos da relação com os inteligíveis. Conforme explicita Baracat (2006, p.467), Plotino, ao usar a expressão “enquanto existirem aquelas”, refere-se aos inteligíveis, cujo fundamento não teve começo nem fim, analogamente o do cosmos também não. Argumentação semelhante segue Plotino em seu tratado *Acerca da beleza inteligível* (V.8 [31]), no qual ele estabelece a mesma relação de derivação ao mesmo tempo em que expõe a dificuldade no âmbito da linguagem em dar conta da formulação supracitada:

[...] é necessário que exista um universo diferente daquele, um universo que nasceu belo enquanto imagem do belo; nem na verdade é lícito que não exista uma imagem bela do belo e do ser. Decerto, a imagem imita o modelo em tudo. Possui, na verdade, seja a vida e isto que pertence ao ser enquanto imitação, seja o ser belo enquanto vem

<sup>20</sup> Para ler em grego, ver tradução bilíngue: PLOTINUS, 1987, p.410; apoiada em HENRY, P.; SCHWYZER, 1982.

<sup>21</sup> Para as *Enéadas* I, II e III usaremos a tradução de Baracat. Cf. BARACAT, 2006.

dali. Mas possui também a eternidade daquele enquanto imagem; senão o modelo terá algumas vezes uma imagem, outras vezes não, não sendo a imagem uma criação da arte. Mas cada imagem por natureza existe enquanto perdura o modelo. **Por isso não estão certos aqueles que destroem o universo sensível se o universo inteligível perdura**, e o geram, como se o criador tivesse deliberado criá-lo, visto que não querem compreender qual seja a natureza de uma tal criação, nem sabem que até o momento em que aquele esplende, as outras coisas nunca podem se esvaír, mas, a partir do momento em que este existe, também essas coisas existem. Mas o universo inteligível sempre foi e será. De fato, dada a necessidade de querer explicar, é preciso usar estas palavras. (V.8 [31] 12, 11-25<sup>22</sup>, grifo nosso).

Conforme o comentário de Soares em sua tradução, conclui-se dessa passagem do texto que o sensível também perdura em função da eternidade do inteligível (Cf. SOARES, 2003, p.134.). Contudo, é possível observar o emprego de expressões como “gerar” e “criar”, o que, ao final do capítulo 12, é esclarecido como sendo uma limitação discursiva. A necessidade de explicar impõe o uso de certas palavras que denotam uma ideia de tempo, quando os operadores referentes a passado, presente e futuro tem a função de apenas reforçar a perdurabilidade ontológica do cosmos:

Porque estas expressões de passado, presente e futuro não têm sentido quando se fala da natureza inteligível, que é eterna; Ele as usa por causa da nossa dificuldade de linguagem para falar da realidade inteligível. Cf. I, 6 [1],9, 39. Do inteligível, enquanto é eterno, pode ser apenas dito que é; falar da sua natureza no passado ou futuro serve apenas para ressaltar a sua imutabilidade. E é assim, por não termos uma linguagem apropriada para falarmos do inteligível (SOARES, p.134, 2013).

A origem temporal atribuída ao cosmos é por Plotino revisada, pois ele entende que o universo tem como fundamento um princípio perene. Postular a relação do estatuto ontológico do mundo com uma gênese é um recurso estritamente didático de Platão, vide a leitura de Igal.<sup>23</sup> Dodds, por sua vez, embora não tenha se pronunciado especificamente sobre a exegese do texto platônico feita por Plotino, ao expor a visão cosmológica do filósofo neoplatônico, a qual é sabidamente alicerçada na compreensão

---

<sup>22</sup> A tradução utilizada para o tratado V.8 [31] foi a da Soares.

<sup>23</sup> IGAL, Cf.PLOTINO, 1992, p.74, grifo nosso. “[...] para Plotino el mundo sensible es eterno en el sentido de originado desde siempre y duradero por siempre. Em el multiseccular debate a proposito de uno de los passajes más controvertidos del Timeo (28b), Plotino se alinea decididamente con los que pensaban que Platón habla del mundo como originado en doble sentido de *proveniente e deveniente*, no en el producido em el tiempo, aunque, por razones didácticas, el Timeo hable como se el cosmos no hubiera existido desde siempre. Pero, propriamente, el mundo há existido desde siempre, lo mismo que seguirá existiendo por siempre (II 1, 1, 1-2), sin comienzo ni fin (II 9, 7, 1-2); porque desde que existe el mundo inteligible y mientras exista, existió y existirá también el cosmos sensible (V 8, 12, 11-26)”.

dos diálogos, no artigo *Tradition and personal achievement in the philosophy of Plotinus*<sup>24</sup>, argumenta que, para Plotino, o universo não teve origem, haja vista que a ideia de causa não deve ser compreendida como um evento, mas como uma relação de dependência atemporal pela qual o inteligível é eterno e, de semelhante modo, deve ser caracterizado como perdurável o que dele deriva. Tal explicação se propõe a mitigar dificuldades conceituais inerentes à filosofia de Plotino, já que em termos cognitivos não conseguimos articular a relação entre Uno, Intelecto e Alma senão através de uma sucessão temporal, em que essa hierarquia tem configurações distintas nos momentos T<sup>1</sup>, T<sup>2</sup> e T<sup>3</sup>. Ao passo que Plotino postula as hipóstases em uma dinâmica eterna.

É importante para Plotino conceber o cosmos como perpétuo, pois sua filosofia se constitui por uma estreita relação metafísica<sup>25</sup> entre Uno, Intelecto e Alma, as chamadas hipóstases<sup>26</sup>. A explicação dada para do Uno, - que é para além do ser- se conceber o múltiplo foi por meio das noções de processão e retorno, em que é pressuposta a disposição de gerar por parte daquilo que é absolutamente perfeito, como é o caso do Uno. Logo, ele, sendo perfeito, gera ou emana (*prohodos*) “algo” informe que retorna a ele e o contempla (*epistrophe*), adquirindo o estatuto de Intelecto, o qual é marca da síntese entre ser e pensar do fragmento terceiro de Parmênides (Cf. PINHEIRO, 2007, p.70). O encadeamento entre essas hipóstases impõe – por estarem imbricadas em uma ordem eterna, do ponto de vista lógico – a compreensão do cosmos como incluso nesse processo. É preciso ressaltar que as ideias de processão e retorno não aparecem em Plotino sob a forma de uma doutrina teórica, mas como metáforas linguisticamente limitadas em suas expressões, sobretudo por se referirem a conceitos

---

<sup>24</sup> DODDS, 1960, p.3, grifo nosso . “For Plotinus, the universe had no origin: there was never a time when the fountain did not overflow, just as there will never be a time when it runs dry. Causation is not an event: it is a relationship of timeless dependence by which the intelligible world is sustained in eternal being, the sensible world in a perpetual becoming comparable to the 'continuous creation' in which some astronomers now believe. This differentiates Plotinism from Jewish or Gnostic creation-myths, as well as from the kind of Platonism which took the Timaeus literally. It follows that creation is not for Plotinus the result of an act of will (5, i, 6). The fountain overflows simply because it is its nature to do so, and all subsequent creation is similarly automatic and involuntary; the higher produces the lower as an incidental consequence of its own being”.

<sup>25</sup> Pelo Uno ter esse caráter de para além do ser – *epekeina tes ousia* (fórmula encontrada no passo 508e; 509b da *República*, como demonstra Marcus em seu artigo (Cf. Pinheiro 2007, p.72). – pode-se optar pelo uso do neologismo “henologia” para designar a filosofia de Plotino como henológica e não propriamente metafísica, já que essa alude para o fundamento no ser, enquanto aquela para o fundamento no Uno (*hén*).

<sup>26</sup> Cabe observar o seguinte problema quanto ao emprego das hipóstases: “Ao tratar da filosofia de Plotino, falamos, genericamente, de três hipóstases: Uno, Intelecto e Alma, contudo, Plotino não fala em nenhum momento de “três hipóstases”, nem de uma segunda hipóstase; de modo geral, refere-se a princípios ou naturezas. Foi Porfírio que nomeou o tratado V 1 [10] Sobre as Três Hipóstases Primárias”. LUPI, João; GOLNICK, 2008, p.13, grifo nosso.

de natureza inteligível a partir de alusões imagéticas de caráter sensível<sup>27</sup>. Os recursos a essas figuras, contudo, não são acidentais, como explica Baracat<sup>28</sup>, antes cumprem uma função especulativa importante, como pode se depreender da própria etimologia da metáfora:

Por seu significado etimológico, metáfora significa que ela deve levar o intelecto para além – *metá-phérein-* da imagem; transferir o sentido figurado ao sentido próprio. A metáfora, no caso assume feições de símbolo – *aliquid pro aliquo*. O universo é como uma irradiação do Uno, porém ele não sofre alteração com isso. O Uno se dá aos seres, sim, mas sem se perder neles (ULLMANN, 2002, p.52).

Apesar disso, tais noções são fundamentais para a compreensão das hipóstases e implicitamente perpassam os textos de Plotino como pressupostos indispensáveis para a formulação supracitada.

#### 4. Considerações Finais

Através da exposição do nosso trabalho, amparada nas referências bibliográficas apontadas, esperamos ter tornado claras as ideias postuladas pelo diálogo *Timeu* em sua fase inicial, no tocante aos seus princípios lógico-causais. A ideia da geração do cosmos, supostamente fundamental no diálogo, para Plotino, se não é suprimida, é ao menos enfraquecida pela concepção de que a arquitetura cosmológica se baseia em princípios eternos. Assim, o estatuto do cosmos é perpétuo com o aspecto temporal exposto como recurso didático no sentido de demarcar um momento lógico de distinção da eternidade do modelo para o que ocorre na constituição do cosmos em função do modelo. Essas conclusões refletem a tentativa de compreender o itinerário interpretativo realizado por Plotino no tocante à temática filosófico-cosmológica. Dessa maneira,

---

<sup>27</sup> Na obra *Estudo sobre as Enéadas*, encontramos uma pequena compilação dessas imagens usadas para descrever a emanção do Uno para a multiplicidade, sem que haja desgaste por parte dele: “1) fogo de que emana o calor; 2) neve que espalha o frio; 3) substância odorífica que exala o perfume; 4) a luz que irradia de uma fonte luminosa; 5) fonte de águas inexaurível, formadora de rios; 6) círculos concêntricos”. ULLMANN, 2002, p.25. O texto traz ainda outra nota sobre a emanção: “the imagery of emanation is successful to the degree that it express the relationship of dependence that exists between source and product (SCHROEDER, Frederic M., Plotinus and Language. In: Plotinus (Cambridge 1996) – (idem, p.25).

<sup>28</sup> BARACAT, 2006, p.44, grifo nosso. “Ao refletir sobre o princípio primordial da realidade, Plotino está irredutivelmente certo de que nenhuma linguagem, seja ela “filosófica” e abstrata, seja “poética” e concreta, é minimamente adequada. Como se vê, as magníficas imagens criadas por Plotino não são um mero ornamento extrínseco à tese defendida, mas um elemento primordial de seu próprio pensamento: elas revelam ao leitor aquilo que a linguagem racional jamais será capaz de revelar”.

abre-se a possibilidade para um futuro estudo interno ao pensamento de Platão, a fim de avaliar até que ponto a leitura aqui apresentada se sustenta exegetica e filosoficamente.

## Referências

ARAÚJO JÚNIOR; REDYSON, D. *Platão e o papel do demiurgo na geração da vida cósmica*. Religare (UFPB), v. 7, p. 72-80, 2010.

BARACAT JÚNIOR, J. C. *Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Introdução, tradução e notas. 2006. 700 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CORNFORD, F. M. *Plato's Cosmology*, London: Routledge & Kegan Paul; reprinted, Indianapolis: Hackett Publishing Co. 1997.

DODDS, E. *Tradition and personal achievement in the philosophy of Plotinus*. Journal of Roman Studies, 50, 1960, p. 1-7.

HENRY, P.; SCHWYZER, H. R. *Plotini Opera*. Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Univ. Pr. (Editio minor), vv. I-III, 1964-1982.

LUPI, João; GOLNICK, Silvania. *A teoria emanacionista de Plotino*. Scintilla, Curitiba, Vol 5, p. 13-30, jan. 2008.

PINHEIRO, M. R. *Plotino, exegeta de Platão e Parmênides*. Anais de Filosofia Clássica, v. 1, p. 3, 2007.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Col. Autores Gregos e Latinos). São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: IUC, CECH, 2012.

PLATO. *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903.

PLOTINUS. *Enneads I- VI*. Greek text with English translation by A.H Armstrong. Loeb Classical Library, Cambridge/ Harvard University Press, 1987.

PLOTINO. *Enéadas*. Introducciones, traducciones y notas de J. Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Trad. Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2007.

SANTOS, J. T. *Platão: A Construção do Conhecimento*. Paulus: São. Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Porque não há no Timeu um conceito de matéria: Ti. 48a-53b*. Kleos (Rio de Janeiro), v. 13-14, p. 45-71, 2010.

SLAVEVA- GRIFFIN, (S). *Plotinus on Number*. New York: Oxford University Press, 2009.

SOARES, L. G. E. C. *Plotino, Acerca da Beleza Inteligível (Enéada V, 8 [31])* - Introdução, tradução e notas. Kriterion (UFMG, Impresso), Belo Horizonte V.XLIV n° 107. p.110-135, 2003.

ULLMANN, Reinhold. *Plotino: um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WILBERDING, James. *Plotinus' Cosmology. A Study of Ennead II.1 (40)*. Text, Translation, and Commentary. Oxford University Press: New York, 2006.